

MERLEAU-PONTY E A PSICANÁLISE: UMA REVISÃO DA CRÍTICA AO INCONSCIENTE FREUDIANO

MERLEAU-PONTY AND THE PSYCHOANALYSIS: THE CRITIQUE OF THE
FREUDIAN UNCONSCIOUS REVISITED

Fátima Caropreso

Universidade Federal de Juiz de Fora

fatimacaropreso@uol.com.br

RESUMO: Esse artigo discute a possibilidade de diálogo entre a psicanálise e a fenomenologia tal como esta se apresenta no pensamento de Merleau-Ponty. O objetivo é encontrar elementos para uma abordagem da consciência a partir da psicanálise – uma lacuna na teoria que foi várias vezes reconhecida pelo próprio Freud. Tendo isso em vista, o trabalho discute as críticas do filósofo a alguns conceitos centrais da metapsicologia, tais como repressão e representação inconsciente, e tenta evidenciar alguns equívocos na compreensão dos mesmos. Torna-se possível, assim, mostrar como se dá uma progressiva convergência com a perspectiva freudiana ao longo do desenvolvimento da filosofia de Merleau-Ponty. Essa convergência permite, pelo menos em princípio, que se pense numa complementação da metapsicologia com uma abordagem da consciência fundamentada na fenomenologia merleau-pontyana.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise Freudiana; Fenomenologia; Inconsciente.

ABSTRACT: This paper discusses the possibility of a dialogue between psychoanalysis and phenomenology as it is presented in Merleau-Ponty's thought. The objective is to find some ground for an approach to consciousness from a psychoanalytical standpoint – a gap in the theory which was often acknowledged by Freud himself. With this in mind, I discuss the philosopher's critique of some main metapsychological concepts, such as repression and unconscious representation, and try to put in evidence some of its misunderstandings. It is possible then to show that there is a progressive convergence with the Freudian perspective in the development of Merleau-Ponty's philosophy. This convergence makes it possible, at least in principle, a completion of the metapsychology with an approach to consciousness based or inspired in Merleau-Ponty's phenomenology.

KEY-WORDS: Freudian Psychoanalysis; Phenomenology; Unconscious.

A partir do momento em que Freud desvincula os conceitos de mente e de consciência e faz da hipótese do inconsciente a peça-chave de sua teoria, a consciência transforma-se em um problema para a metapsicologia freudiana que perdurará ao longo de todo o desenvolvimento da obra. No *Esboço de Psicanálise* (1938[1940]), Freud afirma que a hipótese do inconsciente — o “psíquico genuíno” — é a condição sobre a qual a psicologia pode constituir-se como uma ciência da natureza. Nesse texto, Freud parece propor uma cisão no campo da psicologia entre uma psicologia do inconsciente que se configuraria como uma ciência natural e uma psicologia da consciência, que abordaria seu objeto a partir de uma *outra perspectiva* que não chega a ser especificada. Essas observações sugerem a possibilidade de uma aproximação entre a psicanálise e a fenomenologia, de modo que esta última pudesse vir a complementar a abordagem metapsicológica da mente com a investigação sistemática da consciência de que esta carece. Dentro da tradição fenomenológica, Merleau-Ponty é o filósofo que mais dialogou com a psicanálise, mesmo manifestando, freqüentemente, uma atitude fortemente crítica. Um dos pontos nodais dessa crítica é a concepção freudiana de um “inconsciente” constituído por “representações reprimidas”, que lhe parece mais agravar do que resolver os impasses das “psicologias da representação”. É possível, contudo, mostrar que as concepções sobre a natureza da representação e do inconsciente que são atribuídas a Freud nem sempre correspondem ao sentido específico que estas possuem nos textos freudianos. O propósito deste trabalho é retomar parte dos pontos de vista de Merleau-Ponty sobre a psicanálise e a teoria do

inconsciente e avaliar em que medida a concepção de inconsciente, criticada ao logo desse percurso, se justifica em função do sentido estritamente freudiano dessa noção, com vistas a esclarecer os termos de um possível diálogo entre a psicanálise e a fenomenologia.

Como aponta Coelho Jr. (1991), nas duas primeiras obras de Merleau-Ponty — *A estrutura do comportamento* (1942) e *Fenomenologia da percepção* (1945) —, a psicanálise aparece como teoria em parte a ser criticada e contraposta à fenomenologia e, em parte, a ser reconhecida como fonte de um conhecimento que não podia ser simplesmente negado. No entanto, a partir de 1953, a psicanálise passará a ser referência obrigatória. A partir de então, o diálogo entre o pensamento de Merleau-Ponty e a psicanálise torna-se cada vez mais constante.

Em *A estrutura do comportamento*, Merleau-Ponty argumenta que, com a duplicação do psíquico em inconsciente e consciente, Freud perpetuou os modelos mecanicistas em psicologia, tendo simplesmente inventado uma nova instância causal para dar conta dos fenômenos psíquicos, com o agravante de que essa nova instância teria uma duvidosa realidade objetiva e uma necessidade teórica mais duvidosa ainda, o que faria as concepções psicanalíticas tenderem para uma metafísica um tanto quanto irresponsável. Poder-se-ia, assim, questionar se:

(...) os próprios conflitos dos quais ele [Freud] fala, os mecanismos psicológicos que ele descreveu (...) exigem verdadeiramente o sistema de noções causais pelo qual ele os interpreta, e que transforma numa metafísica da existência humana as descobertas da psicanálise. (Merleau-Ponty, 1942, p.192)

Essa crítica tem um nítido acento politzeriano. A metapsicologia — da qual o inconsciente é o conceito fundamental — desvirtuaria a descoberta freudiana, ao contrabandear, para o coração da doutrina, a metafísica embutida num cientificismo naturalista que já demonstrara sua ineficácia no campo da psicologia. A *necessidade* do conceito de inconsciente é, pois, contestada explicitamente pelo autor:

A pretendida inconsciência do complexo se reduz, portanto, à ambivalência da consciência imediata. A regressão do sonho, a eficácia de um complexo adquirido no passado, enfim, a inconsciência do recalcado manifestam apenas o retorno a uma maneira primitiva de organizar a conduta, um flexionamento das estruturas mais complexas e um recuo rumo às mais fáceis. (Merleau-Ponty, 1942, p.194)

Além disso, Merleau-Ponty argumenta que a teoria freudiana do aparelho psíquico consiste em uma extensão injustificada do patológico para o funcionamento normal. Os conflitos de força e os mecanismos energéticos descritos por Freud representariam um tipo patológico de funcionamento mental e não seria legítimo, portanto, conceber nesses moldes os processos psíquicos em geral. Nas suas palavras: “A obra de Freud não é um quadro da existência humana, mas um ‘quadro de anomalias’, por mais freqüentes que elas sejam” (*ibid.*, p.194).

Na *Fenomenologia da percepção* (1945), Merleau-Ponty parece conceber o inconsciente freudiano como consistindo em um mero duplo da consciência. Segundo sua interpretação, não haveria diferença essencial entre a composição do inconsciente e

a da consciência: tratar-se-iam de campos de *representações* que poderiam, em princípio, prescindir da percepção, do corpo e do mundo; que poderiam existir autonomamente, pairando misteriosamente sobre a existência real do corpo. Assim:

A idéia de uma consciência que seria transparente para si mesma e cuja existência se remeteria à consciência que ela tem de existir não é tão diferente da noção de inconsciente: é, dos dois lados, a mesma ilusão retrospectiva – introduz-se em mim, a título de objeto explícito, tudo aquilo que eu poderia, na seqüência, apreender em mim mesmo. (Merleau-Ponty, 1945, p.436)

Concebida como duplo da consciência, a noção de inconsciente se sobrecarregaria com todas as dificuldades e equívocos das filosofias da consciência — de uma consciência que se dá a si mesma como primeiro e fundamental objeto de apreensão, ou seja, uma consciência que é antes de tudo auto-consciência. Freud teria, assim, engendrado um segundo *cogito*, ao propor um inconsciente substancial, autônomo com relação à percepção, que consistiria num outro campo de representações, um “outro cenário”, onde o mesmo ideário cartesiano apareceria duplicado. Esse inconsciente se destacaria da experiência, da relação sensível que se dá através do corpo, refugiando-se no campo das representações e, assim, sofreria do mesmo “vício” da noção clássica de consciência. Por conseguinte, nesse momento, “não há o que buscar no inconsciente, não há porque recorrer ao inconsciente, quando é o corpo que simboliza todas as dimensões da existência” (Coelho Jr., 1991, p.135).

No curso sobre *O problema da passividade*, proferido em 1954-55, Merleau-Ponty volta a discutir a noção de inconsciente, com o objetivo de contestar uma clivagem estrita entre o real e o imaginário. Ele argumenta que o sonho, construção imaginária, ergue-se, não obstante, sobre o fundo inesgotável *disso* que sonha em nós; portanto, ele se constrói sobre o núcleo da realidade do sujeito que sonha. No entanto, para que essa formulação seja viável, é preciso escapar à interpretação do conceito de inconsciente que o vê como um “segundo *Cogito*”, instalado em alguma região abissal da alma. Merleau-Ponty assume que esse é o sentido do conceito em Freud: “Recrimina-se, com razão, a Freud por ter introduzido, sob o nome de inconsciente, um segundo sujeito pensante(...)” (Merleau-Ponty, 1968, p. 69). Contudo, ao contrário do que havia sido sustentado em seus primeiros textos, recusar essa concepção não mais quer dizer desqualificar totalmente o conceito. Essa maneira de entender o inconsciente que ele atribui a Freud – como depositário de representações reprimidas, que o sujeito decide não assumir, mas das quais precisa ter alguma forma de conhecimento mesmo para poder recusá-las — não possuiria nenhum valor. Mas haveria algo mais interessante na abordagem freudiana: “a idéia de um simbolismo que seja primordial, originário (...), responsável pelo sonho e, de modo mais geral, pela elaboração de nossa vida” (Merleau-Ponty, 1968, p.70). Para se preservá-lo, seria necessário, contudo, abandonar a idéia de que o sonho é uma tradução entre duas linguagens estranhas uma a outra (a do conteúdo latente e a do conteúdo manifesto), mas transparentes a cada um de seus respectivos sujeitos pensantes. Tratar-se-ia, ao contrário, no sonho, de “viver o conteúdo latente através do conteúdo manifesto” (*ibid.*, p.70). Esse simbolismo primordial — que não deixa de ter

as características daquilo que Freud denominou “processo primário” — faz da consciência onírica uma consciência perceptiva, no sentido em que Merleau-Ponty a entende: aquela que procede por uma lógica de implicação e promiscuidade, cuja descrição é comparável a dos mecanismos freudianos. Aí residiria, portanto, o essencial da contribuição freudiana: não a de revelar uma realidade insuspeitada por sob as aparências da experiência comum, mas sim uma série de camadas de significação, que podem dar espessura e profundidade às interpretações do real, desde que se renuncie a buscar, nesse domínio, critérios diferenciais de verdade, que desabonem ou privilegiem umas camadas com relação às outras.

Fica evidente, na argumentação de Merleau-Ponty, que é nos aspectos mais interpretativos e *clínicos* da psicanálise que ele identifica os elementos mais interessantes e recuperáveis para seus objetivos filosóficos. Contudo, pode-se, talvez, argumentar que justamente, essa relativa desatenção à metapsicologia tenha dificultado a compreensão de que aquilo que ele propôs como solução para que o conceito de inconsciente pudesse ser resgatado já estava, de alguma maneira, em Freud e que suas críticas se dirigem a uma concepção de inconsciente que não corresponde à que lhe pode ser atribuída.

Em *O inconsciente*, Freud argumenta que a identificação do psíquico ao consciente é uma convenção inadequada, pois sobrestima sem fundamentação visível o papel da consciência. Por outro lado, a suposição de um psíquico inconsciente é necessária e legítima pois os dados da consciência são lacunares e não podem ser compreendidos sem essa hipótese. A partir disso, elabora uma complexa justificação para a suposição do inconsciente que não poderia ser reconstituída aqui (ver Caropreso

e Simanke, 2007). De qualquer modo, fica claro que, para Freud, a hipótese do inconsciente é condição para que os fatos clínicos possam ser compreendidos. Como vimos, a crítica de Merleau-Ponty de que a necessidade teórica do inconsciente é duvidosa vai exatamente no sentido oposto ao da argumentação freudiana. Resgatar alguns elementos do sentido especificamente freudiano do conceito talvez contribua para pôr em perspectiva essa discordância.

O conceito de inconsciente é definitivamente admitido por Freud no *Projeto de uma psicologia* (1895[1950]). Alguns anos antes, em *Sobre a concepção das afasias* (1891), ele sustentara ainda a identidade entre a consciência e o psíquico: este seria necessariamente consciente e concomitante a certos processos corticais associativos. Em 1895, Freud passa a conceber esses processos corticais como consistindo em processos psíquicos inconscientes, e a consciência passa a ser pensada como o “lado subjetivo” de uma parte dos mesmos. No *Esboço de Psicanálise* (1938[1940]), Freud volta a afirmar claramente que os processos psíquicos inconscientes são processos físicos cerebrais e que a consciência seria algo que acompanharia uma parte desses processos:

(...) esses processos conscientes não formam séries sem lacunas, fechadas em si mesmas, de modo que não haveria outra alternativa a não ser adotar a suposição de processos físicos ou somáticos concomitantes do psíquico, aos quais parece necessário atribuir uma perfeição maior do que às séries psíquicas, pois alguns deles têm processos conscientes paralelos e outros não. Isso sugere, de uma maneira natural, por o acento, na psicologia, sobre esses processos somáticos, reconhecer neles o psíquico genuíno

e buscar uma apreciação diversa para os processos conscientes. (Freud, 1938[1940], p.155)

Desde a introdução do conceito de inconsciente, fica claro que não há um sujeito do inconsciente para Freud: a subjetividade *emerge* a partir do inconsciente, mas só existe na consciência. O inconsciente não é, portanto, uma segunda consciência, não se produz a partir de um sujeito pensante, mas é o determinante desse sujeito, o processo a partir do qual o sujeito pensante emerge. Não se trata, como argumenta Merleau-Ponty, da postulação de um segundo *cogito*. Inconsciente e consciência não são duas organizações semelhantes, cada uma consciente de si, mas sem acesso a outra, mas sim dois *momentos* de um mesmo processo que, em seu início, é inconsciente e que, a partir de certo momento, torna-se suscetível de tornar-se consciente.

Essa maneira de conceber a relação entre o inconsciente e a consciência fica clara em *A interpretação dos sonhos* (1900). Na seção B do capítulo 7, Freud expõe a representação tópica do aparelho psíquico, na qual este aparece como composto por vários sistemas, entre eles o inconsciente e o pré-consciente, que são representados como *localidades* distintas. A representação tópica, contudo, pode dar margem à interpretação de que esses sistemas seriam dois campos psíquicos distintos, existindo separadamente um do outro. Para evitar esse equívoco, Freud ressalta, mais adiante, que a representação tópica é utilizada com fins ilustrativos, mas que os sistemas não correspondem a localidades psíquicas diferentes, mas a *dois tipos de processos coexistentes* – o processo primário, que corresponderia ao sistema inconsciente e o processo secundário, que corresponderia ao pré-consciente e se formaria a partir do primeiro:

Se as consideramos com maior atenção, as elucidações psicológicas da seção anterior não nos sugerem a suposição da existência de dois sistemas perto do extremo motor do aparelho, mas sim de dois processos ou de dois modos no decurso da excitação. (...) sempre devemos estar dispostos a abandonar nossas representações auxiliares quando nos acreditamos em condições de substituí-las por alguma outra coisa que se aproxime mais da realidade desconhecida. (Freud, 1900, p.578)

O aparelho psíquico consistiria, assim, em vários níveis de processos sobrepostos, o último dos quais se faria acompanhar da consciência. Esta, portanto, corresponderia às etapas finais de um processo que, no início, seria inconsciente e que, enquanto tal, possuiria características distintivas — mobilidade dos investimentos, ausência de contradição, atemporalidade — que consistiriam num modo primário de funcionamento psíquico. Assim, a caracterização do inconsciente como um mero duplo da consciência — *um outro campo de representações*, onde a mesma concepção da mente apareceria duplicada — não parece corresponder à concepção freudiana.

Similarmente, dificilmente poderia ser atribuída a Freud a tese de que o inconsciente se restringiria ao reprimido. Desde o *Projeto...* — e, de forma mais clara, em *A interpretação dos sonhos* — fica claro que o reprimido corresponde apenas a uma parte do inconsciente freudiano: Freud argumenta aí que o processo secundário se sobrepõe ao primário, mas que uma parte do funcionamento do aparelho psíquico permanece como processo primário, constituindo o núcleo do inconsciente: “Em conseqüência deste surgimento tardio do processo secundário, o

núcleo do nosso ser, que consiste em moções de desejos inconscientes, permanece inapreensível e não-inibível para o pré-consciente (...)” (Freud, 1900, p. 572). O reprimido corresponderia àquela parte do inconsciente composta por representações incorporadas ao processo secundário, mas que acabaram sendo excluídas desse processo por provocarem desprazer:

(...) entre estas moções (...) se encontram também aquelas cujo cumprimento entrou em relação de contradição com as representações-meta do processo secundário. O cumprimento de tais desejos já não provocaria um afeto prazeroso, e sim desprazer e justamente esta mudança do afeto constitui a essência do que designamos “repressão”. (Freud, 1900, p.573)

Merleau-Ponty parece supor que o inconsciente freudiano seria inteiramente composto por representações deste tipo. Contudo, em nenhum momento, essa foi a hipótese freudiana. Desde suas primeiras obras, ele propôs a existência de um inconsciente originário que manteria uma forma primitiva de funcionamento e nunca chegaria a ser acessível à consciência. Da mesma forma, ao dizer que o conteúdo manifesto do sonho se opõe a um conteúdo latente, ele parece pressupor que Freud afirma a existência de dois conteúdos externos um ao outro, que permaneceriam em níveis diferentes: um consciente (o manifesto) que esconderia um outro inconsciente (o latente). Novamente, uma leitura atenta de *A Interpretação dos sonhos* deixa claro que *o conteúdo manifesto é uma distorção do conteúdo latente, consiste num rearranjo deste último*. A interpretação do sonho não descobriria um conteúdo escondido por trás de um manifesto,

mas tenta encontrar um outro sentido, num outro nível de significação, daquilo que se manifesta à consciência onírica. Esse outro sentido não se oculta para além do sentido manifesto, mas encontra-se oculto no próprio sentido manifesto. Este não seria como uma máscara que esconde um rosto, mas o próprio rosto deformado até se tornar irreconhecível. Não se trata, portanto, de reencontrar o rosto a partir da máscara, mas de reconstituir o rosto original a partir dos traços do atual. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que, de acordo com Freud, o conteúdo latente é, de certa forma, vivido através do manifesto e que Merleau-Ponty poderia ter encontrado na teoria freudiana aquilo que ele acreditou ter que acrescentar-lhe.

Assim, num primeiro momento, Merleau-Ponty parece rejeitar totalmente a noção de inconsciente, embora se possa argumentar que a idéia de inconsciente atribuída a Freud não corresponde ao que ele, de fato, propôs. Quando muda sua posição, a partir de 1954 — e passa a considerar que o conceito de inconsciente possui algum interesse filosófico, desde que reinterpretado de maneira diferente da formulação freudiana — Merleau-Ponty, aparentemente sem percebê-lo cabalmente, defende um conceito de inconsciente não totalmente estranho a Freud. Portanto, no decorrer de sua própria reflexão, ele parece ter concluído pela legitimidade da suposição de um inconsciente que, em última instância, já se encontrava em Freud.

Como vimos, é na dimensão clínica da psicanálise que, segundo o filósofo, esse inconsciente poderia ser resgatado. Talvez se possa sustentar, porém, que justamente essa falta de atenção à metapsicologia tenha dificultado a compreensão do sentido especificamente freudiano do inconsciente, de onde resultaram

tanto as críticas iniciais quanto a proposta posterior de redefinição, que conduziram a uma concepção não de todo distante daquela formulada por Freud. A constatação dessa afinidade talvez contribua para abrir uma perspectiva de diálogo e, eventualmente, de uma complementação da psicanálise a partir da fenomenologia.

REFERÊNCIAS

CAROPRESO, F. e SIMANKE, R. T. Uma reconstituição da justificativa freudiana para o inconsciente. *Revista Ágora*, v. XI, número I, janeiro/ junho, 2008, p.31-51.

CAROPRESO, F. *O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud*. São Carlos: Edufscar e Fapesp, 2008.

CAROPRESO, F. *Freud e a Natureza do Psíquico*. São Paulo: AnnaBlume e Fapesp, 2010.

COELHO Jr., N. O Inconsciente em Merleau-Ponty. Em: *O Inconsciente: várias leituras*. (Knobloch, F., org.). São Paulo: Escuta, 1989.

FREUD, S. *Zur Auffassung der Aphasien: eine Kritische Studie*. Leipzig: Franz Deuticke, 1891.

FREUD, S. Projeto de uma Psicologia (1895/1950). Em: *Notas a "Projeto de uma Psicologia"*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FREUD, S. Die Verdrängung (1915). *Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, v. 3, p.103-118, 1982.

FREUD, S. Das Unbewusste (1915). *Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, v. 3, p.119-162, 1982.

FREUD, S. Die Traumdeutung. (1900). *Studienausgabe*. Frankfurt: Fischer, v. 2, 1982.

FREUD, S. Esquema del psicoanálisis (1940[1938]). *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, v. 23 , p.133-210, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. *La structure du comportement*. Paris: P.U.F., 1942.

MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945.

MERLEAU-PONTY, M. *Résumés de cours*. Paris: Gallimard, 1968.